

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Francisca Jéssica Naiane Silva Oliveira

**A ATUAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A JUNTO À SALA DE ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
ACARAPE (CE)**

REDENÇÃO – CEARÁ – BRASIL

2021

FRANCISCA JESSICA NAIANE SILVA OLIVEIRA

**A ATUAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A JUNTO À SALA DE ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
ACARAPE (CE)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia, do Instituto de Humanidades
(IH), da Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora Dra. Geranilde Costa e Silva.

REDENÇÃO – CEARÁ – BRASIL

2021

FRANCISCA JESSICA NAIANE SILVA OLIVEIRA

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Francisca Jéssica Naiane Silva.

O45a

A atuação do/a pedagogo/a junto á sala de Atendimento
Educaional Especializado AEE em uma escola municipal de Acarape CE / Francisca
Jéssica Naiane Silva Oliveira. - Redenção, 2021.
40f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira, Redenção,
2021.

Orientador: Prof. Dra. Geranilde Costa e Silva.

1. Educação inclusiva- Ceará. 2. Necessidades educativas especiais. 3.
Pedagogos - Ceará. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.9

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

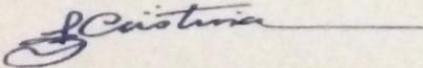
FRANCISCA JESSICA NAIANE SILVA OLIVEIRA

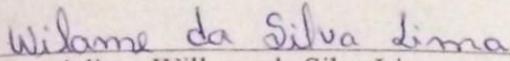
A ATUAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A JUNTO À SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ACARAPE (CE)

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Geranilde Costa e Silva (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)


Prof. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)


Prof. Especialista Willame da Silva Lima

“Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é Inclusiva ou Excludente?” (Paulo Freire).

Dedicatória

Dedico o presente trabalho primeiramente a Deus, que é meu tudo, que está comigo em todo o tempo, que me ama sem medidas e me encoraja sempre a ir mais além e conquistar tudo que Ele preparou para mim. Aos meus pais Conceição e Francisco por sempre estarem ao meu lado, ao meu esposo Henrique por me apoiar e incentivar e ao meu avô Antônio que não se encontra mais comigo, mas, que está vivo em meu coração, e em minha mente guardo todo o amor, carinho e dedicação que sempre teve para comigo. Ele que sempre me apoiou em todas as minhas decisões e que sempre me estimulou a seguir e lutar por meus sonhos.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir viver esse momento de realização de sonhos e por colocar pessoas tão especiais no meu caminho!

À Professora Geranilde Costa, agradeço por todo apoio na realização deste trabalho.

A minha família por sempre acreditarem no meu potencial e por estarem ao meu lado em todos os momentos sejam eles difíceis ou felizes.

A minha amiga Beatriz por toda ajuda durante o curso.

A todos/as, o Meu Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo é identificar como se dá a atuação do/a Pedagogo/a junto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Correia de Castro, em Acarape (CE). A inclusão de alunos/as com necessidades especiais é um assunto muito recorrente e que atualmente vem ganhando mais notoriedade e requer muita empatia e investigação na busca de encontrar novas metodologias para que a inclusão escolar. O/a aluno/a com deficiências necessita de ações pedagógicas diferenciadas, e para que isso seja possível, é necessário que a escola se prepare para recebê-los, tanto quanto ao espaço físico bem como acerca do material pedagógico. O/a professor/a tem como papel conhecer as especificidades educativas de cada criança de modo a atuar com eficiência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que fez a utilização de entrevista com uma pedagoga que atua na sala do AEE de uma escola de Acarape (CE), com o intuito de conhecer de perto como acontece o trabalho dessa pedagoga junto à sala do AEE e as metodologias utilizadas para atender a todas as crianças com deficiência. Por fim, foi possível se obter as seguintes conclusões: - é necessário que esse o/a profissional do AEE tenha uma formação continuada acerca do tema para que dessa forma consiga desenvolver um bom trabalho. - nem todas as secretarias de educação disponibilizam para que esses/as formações com regularidade, e por fim, há também a avaliação de que um compromisso o/a próprio pedagogo/a deve buscar conhecer e estudar sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado, Inclusão, Ações pedagógicas.

ABSTRACT

The present work aims to identify how the Pedagogue works with the Specialized Educational Service (AEE) of the Antônio Correia de Castro Elementary and Elementary School, in Acarape (CE). The inclusion of students with special needs is a very recurring subject and is currently gaining more notoriety and requires a lot of empathy and research in the search to find new methodologies for school inclusion. The student with disabilities needs differentiated pedagogical actions, and for this to be possible, it is necessary for the school to be prepared to receive them, as much as the physical space as well as about the pedagogical material. The teacher has the role of knowing the educational specificities of each child in order to act efficiently. This is a qualitative research, which used an interview with a pedagogue who works in the ESA room of a school in Acarape (CE), in order to get to know closely how this educator's work happens in the ESA room. and the methodologies used to serve all children with disabilities. Finally, it was possible to obtain the following conclusions: - it is necessary that this ESA professional has a continuous training on the subject so that in this way he can develop a good job. - not all education departments make these training available regularly, and finally, there is also the assessment that a commitment the educator himself must seek to know and study about special education in the perspective of inclusive education.

Keyword: Specialized Educational Service, Inclusion, Pedagogical action.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 JUSTIFICATIVA	11
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
3 DIREITO AO RESPEITO E AO ENSINO REGULAR.....	15
4 A ESCOLA PESQUISADA.....	18
5 CONHECENDO A ATUAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A DO AEE NA ESCOLA.....	20
6 APRESENTAÇÕES DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
8 REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE	33
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é identificar como se dá a atuação do/a Pedagogo/a junto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma escola municipal de Acarape (CE). Acarape localiza-se no Estado do Ceará, distante cerca de 56 km da capital, Fortaleza, tem acesso principal pela rodovia CE-060. É composto por 15 localidades e um Distrito denominado Canta Galo, onde acontece a maior produção de cal da cidade, gerando emprego e renda. A produção de cal é o principal setor de movimentação da economia de Acarape. O município possui aproximadamente 16.418 habitantes

O trato da temática da pessoa com deficiência ainda se constitui um desafio para os/as professores/as atuantes na Educação Básica. Isso porque os/as docentes ainda não receberam a devida formação inicial nem mesmo formação continuada que aborde a inclusão de alunos/as com deficiência, seja ela física ou mental. Isso acaba dificultando o trabalho dos/as mesmos/as, pois para se trabalhar a educação de modo inclusivo, é necessário que haja uma preparação eficaz, para que o/a professor/a se sinta incapaz de lidar com um aluno/a com necessidades especiais.

A escola é um lugar de inclusão, por isso deve ser um espaço com estrutura física adequada de modo a receber a todos/as. Mas também necessita de profissionais capacitados/as, com destaque para o/a professor/a que atua junto à sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, voltados a eliminar as barreiras, sejam elas arquitetônicas e formativas. O atendimento oferecido na sala do AEE é diferente do ensino escolar e não pode ser caracterizado como um espaço de reforço escolar ou complementação de atividades. Dessa forma, são exemplos de Atendimento Educacional especializado: o Ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e do código BRAILLE, oportunizando ao/a aluno/a, a vivência da aprendizagem por meio de material pedagógico acessível a ele/a.

Para se trabalhar com estudantes que trazem consigo deficiência, é importante que o/a professor/a tenha os devidos conhecimentos sobre o tema em questão, assim, ele/a conseguirá elaborar estratégias e metodologias para incluir essa criança nas atividades exercidas em sala de aula ou fora dela. Na sala do AEE, as coisas se tornam um pouco diferentes pelo fato de o pedagogo estar lidando apenas com crianças com deficiências, porém são casos diversos, o que

muitas vezes acaba causando temor por não conhecer a fundo as necessidades das crianças e por não ter uma formação adequada para lidar com as mesmas. Nesse sentido, Minetto (2008) vem nos dizer que:

Quanto mais conhecemos determinado fato ou assunto, mais nos sentimos seguros diante dele. O novo gera insegurança e instabilidade, exigindo reorganização, mudança. É comum sermos resistentes ao que nos desestabiliza. Sem dúvida, as ideias inclusivas causaram muita desestabilidade e resistência (MINETTO, 2008, p. 17).

A educação inclusiva por ser algo novo realmente acabou desestabilizando muitos professores/as, pois ao se depararem com algo diferente vêm vários sentimentos e sensações, e um deles é o medo. Existe o temor de não conseguir dar conta, de não saber como trabalhar, como lidar e/ou como incluir. Por isso, é necessário buscar conhecimentos a cerca desse tema, buscando tornar-se o mais familiarizado possível com o mesmo. Importante considerar que maioria dos/as profissionais que atuam junto à sala do Atendimento Educacional Especializado são de pedagogos/as, e esses/as não têm passado, com regularidade, por uma formação continuada sobre a temática em questão.

Dessa forma, esse estudo está dividido em 7 (sete) capítulos, logo abaixo citado. No primeiro capítulo exponho a justificativa que me levou a realizar essa pesquisa sobre a atuação do/a pedagogo/a junto à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). No segundo capítulo trato sobre os recursos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa. Esta foi desenvolvida na Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Correia de Castro, em Acarape-Ce, onde foram realizadas observação, e entrevista semiestruturada com a docente que atua no AEE. No terceiro capítulo discorro sobre o direito ao respeito e ao ensino regular de qualidade que têm pessoas portadoras de alguma deficiência. No quarto capítulo exponho a história da escola pesquisada, como se deu sua formação e como ela está hoje. No quinto capítulo discorro sobre a atuação do/a pedagogo/a do Atendimento Educacional Especializado na escola, utilizando ideias de autores como: Libâneo (2004), Vigotski (1997), Pessotti (1984), Amaral (2002), entre outros. E também apresento os dados da pesquisa feita a escola em questão. No sexto capítulo trago as Conclusões Finais. No sétimo exponho os anexos e, por fim, no oitavo os apêndices.

1 JUSTIFICATIVA

Vou contar um pouco de minha trajetória escolar e profissional. Faço isso porque entendo da necessidade da escrita de um trabalho acadêmico tendo como eixo a autorreflexão,

Assim, a autorreflexão difere de outras metodologias participativas nas quais as pessoas expressam o que pensam sobre determinados assuntos, uma vez que exige que se vá mais além do racional, que se rompa com o distanciamento entre o sujeito e a questão a ser refletida, para que o próprio sujeito, na sua relação com a questão, seja o foco mesmo da reflexão. (SANTANA, p. 2).

Aos quatro anos de idade ingressei na escola Antônio Correia de Castro localizada na comunidade de Carro Atolado, cidade de Acarape (CE), área de ensino que era até então chamado de pré-escolar I. Recordo poucas coisas dessa época, mas lembro que gostava muito do horário do banho, pois me divertia bastante com minhas colegas. E também que fui transferida no meio do ano letivo para a sala para o pré-escolar II, por conta da minha idade. No entanto, esse foi um momento bastante complicado para mim, pois era uma criança muito tímida, mas no pré-escolar I contava com a presença de minha irmã e com duas primas. De modo que até me acostumar com a nova turma sofri bastante, chorava muito, não queria ir mais para a escola, mas com o tempo me acostumei. Com o passar do tempo, me envolvi com meus/minhas novos/as colegas e fui fazendo amizades que seguiram comigo até o terceiro ano do ensino médio.

Fiquei nesta escola até o 9º ano e senti bastante quando chegou o momento de mudar de instituição escolar, pois me apeguei muito as minhas professoras, que seguiram comigo desde o pré-escolar até o nono ano. Por ser uma criança muito tímida, muitas situações acabaram sendo bem complicadas para mim, como por exemplo, apresentar trabalhos ... era uma tortura, pois tinha pavor de falar em público, mas sempre me esforçava muito para vencer a timidez

Minha adolescência foi muito difícil, pois minha família foi deixada por meu pai. Ele saiu de casa, foi como se tivesse esquecido que tinha filhos/as. Na época fomos muito humilhadas pela nova mulher dele e a ausência do mesmo me causou um pouco de revolta, de modo que passei a ser indisciplinada na escola. Essa foi uma tática criada por mim para que a escola chamasse meu pai e daí poderia vê-lo. Realmente chegaram a chamá-lo, mas ele nunca comparecia. De modo que esse meu comportamento passou a deixar mãe triste e doente, bem como meu avô. Após perceber as consequências de minha indisciplinada escolar resolvi me dedicar ainda mais aos meus estudos com o intuito de dar uma vida melhor para minha família

e deixar minha mãe e meu avô orgulhoso de mim. Desde então, passei a sonhar em ingressar em uma faculdade, me formar e poder dar uma vida melhor para minha mãe e meus irmãos.

Com mais ou menos um ano que meu pai havia nos deixado, veio o momento mais triste e doloroso que já passei em toda minha vida que foi a perda do meu avô. Foi como se o céu tivesse desabado sobre mim, não consigo expressar com palavras a dor que senti, só de pensar que nunca mais o veria, nunca mais sentiria seu abraço apertado e nunca mais ouviria ele falar o quanto me amava, que eu era a princesa dele ... fui tomada por uma dor imensa ... entrei em depressão e pensei que iria enlouquecer.

Foi quando me voltei ainda mais para Deus, pedi forças porque não queria continuar daquele jeito. Minha mãe sofria bastante ao ver meu estado de saúde e ela precisava que eu ficasse bem para cuidar dos/as meus/minhas irmãos e também trabalhar para sustentar nossa família. De modo que consegui me reerguer, comecei a trabalhar na área de costura para ajudar nas despesas da casa. Já minha mãe trabalhava como costureira em Barreira (CE), então só chegava em casa à noite. Para ajudar minha mãe eu deixava meu irmão de (4) quatro anos na escola pela manhã e ia para o trabalho, na hora do almoço o pegava e íamos para casa. No período da tarde voltava para o trabalho, e a tarde minhas duas irmãs mais novas estavam em casa e olhavam nosso irmão menor.

Certo dia, após mais ou menos dois anos que meu pai havia nos abandonado ele foi a nossa casa e pediu perdão, e explicou que havia se separado da atual mulher. Depois disso ele foi morar com a minha avó. Situação que nos deixou muito felizes porque a partir desse dia ele voltou a ser um pai amoroso e presente, não voltou a morar conosco, mas voltou a ser nosso pai.

No ano de 2015 ingressei na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), no curso de Bacharelado em Humanidades. No mesmo ano tive a oportunidade de ingressar como auxiliar de creche na escola Luís Correia, que fica localizada na comunidade de Carro Atolado, cidade de Acarape (CE). Já no ano seguinte tive o privilégio de assumir o cargo de professora na escola Antônio Correia de Castro, local em que estudei o ensino fundamental I e II. Lá iniciei os trabalhos como professora do rodízio, de modo que assumia uma sala no dia de planejamento do/a professor/a titular da turma. Em 2017 fiquei como docente titular do 4º ano, e no ano seguinte segui com os alunos/a para o 5º ano. Em 2019 assumi uma turma do 5º ano, uma sala de aula que contava com a presença de (3) três alunos com necessidades educativas. Um deles sendo autista, e os outros dois com laudo médico, pois eram imperativos e tinham déficit de aprendizagem.

Confesso que quando recebi a notícia de que iria ficar com essa turma e me falaram sobre essas (3) três crianças, temi um pouco, fiquei pensando como iria lidar com elas, como iria conseguir incluí-los nas atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. De início minha atitude foi de pegar os laudos dos/as meninos/as e estudar sobre suas deficiências e também conversei com a professora da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que é pedagoga. Momento em que ela me falou o que já conhecia acerca das necessidades das crianças e daí juntas pesquisamos um pouco mais. Por sua vez, já havia estudado na Unilab sobre Educação Inclusiva e Especial, mas mesmo assim, senti um pouco de receio quando recebi a turma, tinha medo de não saber trabalhar com a inclusão, de modo que foi um grande desafio.

Faltando uma semana para início das aulas, estudei um pouco mais sobre as deficiências das crianças e procurei atividades e dinâmicas que pudesse incluí-los/as nas atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Assim, ao encontrar com eles/as não estava mais tão nervosa. De modo que busquei conversar e brincar com esses/as estudantes. Durante o ano, tivemos muitos altos e baixos, pois essas crianças tinham mudanças de temperamentos, por vezes eram agressivas, mas buscava sempre ter paciência e tranquilidade em sala de aula.

Essas crianças eram levadas para a sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) três vezes por semana, todavia nunca tive a oportunidade de assistir as aulas lá realizadas porque sempre estava em sala de aula com os/as outros/as estudantes. E foi a partir dessa experiência com crianças portadoras de necessidade educativas que surgiu o interesse de me aprofundar sobre esse assunto, ou seja, passei a ter curiosidade acerca da atuação do/a pedagogo/a na sala do Atendimento Educacional Especializado. De modo a saber como ele/as trabalha, conhecer sobre o processo de formação continuada acerca o assunto e de compreender como as crianças são pedagogicamente atendidas.

Criei um vínculo muito grande com toda a turma, e com os/a três que possuíam deficiências de modo que queria buscar formas de conhecer mais sobre as necessidades deles/as, de encontrar novas metodologias para envolvê-los/as com a turma, e de tornar as atividades prazerosas para todos/as.

Esse ano letivo me mostrou que estamos sempre em processo de aprendizagem, as crianças me ensinaram muitas coisas, como, por exemplo, que podemos muitas coisas se tivermos força de vontade e que não nascemos para viver sozinhos/as, precisamos do outro para sermos felizes e realizados/as.

Tendo como referências as experiências acima expostas é que tenho a seguinte pergunta de pesquisa:

- Como se dá a atuação do/a Pedagogo/a junto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Correia de Castro em Acarape (CE)?

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Realizei uma pesquisa de cunho científico com objetivo – Identificar as concepções do/a pedagogo/a que atua junto à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) acerca da Educação Inclusiva. Segundo Demo (1987) a pesquisa científica:

[...] é um atributo de todos aqueles que queiram de verdade se dedicar à atividade de descoberta de novos conhecimentos, procurar novas relações onde elas aparentemente são impossíveis, descortinar pensamentos e teorias e coloca-las a serviço do que se pretende entender. (DEMO, 1987, p. 39).

De modo que desenvolvi uma pesquisa qualitativa. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, ou seja, envolve seus pesquisadores, estudam as coisas em seus cenários naturais, procurando compreender em termos dos significados que lhes são conferidos pelas pessoas. Assim, compreende-se que a pesquisa qualitativa tenta compreender certos fenômenos comportamentais através de coleta de dados narrativos.

Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de conhecer mais a fundo sobre o tema aqui tratado. A identidade da entrevistada foi mantida em sigilo, sendo citada aqui como Profa. Sara Costa. E a pesquisa aconteceu na Escola de Ensino Fundamental Antônio Correia de Castro, que se localiza na comunidade de Carro Atolado, Acarape-Ce.

Logo abaixo, exponho as perguntas indagadas a docente:

1- Qual sua formação profissional e há quanto tempo você está à frente da sala do AEE?

2- Você acha que a deficiência, seja ela física ou mental, atrapalha a vida da criança em sociedade?

3- Como você acha que os pais devem agir quanto ao preconceito sofrido por seus filhos por conta de uma necessidade especial (deficiência)?

4-

5- *Percebe-se que atualmente o preconceito é um assunto tratado nas mídias e em vários outros ambientes. Você acredita que isso ajuda a romper com o preconceito?*

6- *O AEE é um projeto que ainda não existe em todas as escolas. Como você acha que esse projeto ajuda na socialização e aprendizagem de crianças deficientes?*

7- *Ao longo do tempo que você está afrente do AEE, o que você aprendeu?*

8- *O que torna o trabalho com essas crianças satisfatório?*

3 DIREITO AO RESPEITO E AO ENSINO REGULAR

O Ministério da Educação (MEC) oferece atualmente a todas as escolas o Programa de Educação Inclusiva. Segundo o MEC, a escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus/as alunos/as, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um/a de acordo com suas potencialidades e necessidades. Assim, ancorada nas deliberações da Conferência Nacional de Educação – CONAE/2010, a Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação – PNE, no inciso III, parágrafo 1º, do artigo 8º, determina que os Estados, o Distrito Federal e os municípios garantam o atendimento às necessidades específicas na educação especial assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades. (MEC/SECADI - Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2014).

Com isso as escolas devem matricular todo e qualquer aluno/a com deficiência, seja com transtornos globais do desenvolvimento e os com altas habilidades (superdotados) no ensino regular e ofertar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) dando oportunidade de terem uma educação de qualidade.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, mais precisamente no artigo 58, capítulo V, determina que será ofertado quando necessário serviço de apoio especializado para atender a diversidade das crianças da educação especial.

Assim sendo, é imprescindível que a sala de Atendimento Educacional Especializado seja adaptada, dispondo de materiais pedagógicos diversos, tendo uma boa estrutura física, contendo professores/as com formação acadêmica em atuação, proporcionando assim ao aluno, aprendizagens voltadas a valorização dessas crianças como indivíduos pertencentes à sociedade e valorizando assim suas habilidades, mostrando que as diferenças devem ser respeitadas e que não os tornam menos capazes que as outras crianças.

Um dos grandes desafios da Educação é a inclusão das crianças com necessidades especiais, dando ênfase à busca de novas estratégias para que a permanência dessas crianças na

escola, no ensino regular seja algo concreto. Assim, fica o desafio para os/as professores/as buscarem expandir os conhecimentos acerca dessa questão, buscando novas formas de se trabalhar com a inclusão. É difícil trabalhar com o que não se conhece, isso porque os/as pedagogos/as em suas formações em nível de graduação não tiveram uma formação específica para trabalharem com essas crianças, todavia, hoje essa temática já mais tratada nas universidades. De modo que cabe tanto à universidade bem como as secretarias municipais e estaduais promoverem formação, inicial e continuada, sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

A sociedade ainda manifesta preconceito para com aqueles/as que possuem necessidades educativas de modo a considerar que a criança, jovem ou adulto não tenha direito à educação, ou a estar presente no sistema escolar regular, no entanto, é preciso considerar que

A Educação Inclusiva representa um passo muito concreto e manejável que pode ser dado em nossos sistemas escolares para assegurar que todos os estudantes comecem a aprender que o “pertencer” é um direito, não um status privilegiado que deva ser conquistado. (MANTOAN, 2006, p. 28).

Como cidadão, todos têm direito a educação, não importa se há uma deficiência ou não. A exclusão é algo desrespeitoso e que deve ser vencida, os pais, assim como todos os membros da escola devem tomar consciência se há casos de exclusão na escola, para que assim possa ajudar a criança e incluí-lo novamente, mostrando para todos que a igualdade é um direito. Assim como o respeito é muito importante, ensinar e dar suporte para uma descoberta de identidade é tão importante quanto, pois é através desses conhecimentos que a criança irá compreender que ser diferente é normal, e que é importante respeitar.

A Declaração de Salamanca, documento que foi criado em 1994, faz referência à luta pela inclusão escolar de pessoas com necessidades educacionais especiais. Esta faz jus ao compromisso internacional com o direito de toda criança a educação, o qual já havia sido firmado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que indica a necessidade de garantir ensino a toda pessoa (criança, jovem e adulto) com necessidades educativas especiais no sistema comum de educação.

A Declaração de Salamanca (1994) ressalta que pessoas com necessidades educacionais especiais têm direito ao acesso a escola regular, que deve acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades. Assim, percebe-se a importância de se combater atitudes de preconceito e discriminação na escola e na

comunidade para que dessa forma, crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais possam sentir-se acolhidas e respeitadas em todo e qualquer espaço, sem serem olhadas com preconceito por conta de suas diferenças.

É necessário e de suma importância que as instituições se preparem para receber e incluam todas as crianças, investindo em formação de professores/as e no aprimoramento de seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluam todas as crianças independente de suas necessidades especiais.

Na Declaração de Salamanca, fica evidente que para se conseguir uma Pedagogia Inclusiva é necessário que as instituições de ensino revejam sua metodologia de ensino, aposte na formação de professores/as preparando-os/as para trabalhar a inclusão e, investindo na estrutura do ambiente escolar para que se torne apto e agradável para todos/as.

Já no Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei de Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, trata sobre a importância da igualdade, onde fala acerca dos direitos do cidadão independente de se ter uma deficiência ou não. Estatuto que assegura a Inclusão da Pessoa com Deficiência, que se destina a assegurar em condições de igualdade o exercício dos direitos e liberdades fundamentais que têm as pessoas com deficiência, visando sua inclusão social e a cidadania.

A pessoa com deficiência não se torna impossibilitada de tomar decisões acerca de sua vida pessoal, tais como: casar e ter uma união estável, decidir se quer ou não ter filhos, fazer seu planejamento familiar, trabalhar, entre tantos outros direitos que têm para que assim possam ser inclusos na sociedade visando a igualdade e o respeito. De modo que no citado documento em seu Art. 2º diz que

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e coletiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, Estatuto da Pessoa com Deficiência. 2015. p. 20).

O estatuto foi criado com o intuito de promover a essas pessoas uma vida mais digna pautada por princípios da inclusão. As deficiências, quando necessário, podem ter avaliação biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar que irão considerar:

- I- os impedimentos nas funções e nas suas estruturas do corpo;
- II- os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
- III- a limitação no desempenho de atividades; e
- IV- a restrição de participação.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência assim como a Declaração de Salamanca visam buscar melhorias para a vida de crianças, jovens e adultos que têm alguma necessidade especial, seja física ou mental. Buscando dessa forma a inclusão e o envolvimento dessas pessoas na vida em sociedade, tendo em vista que a deficiência ou as necessidades especiais de um indivíduo não o impede de ter uma vida normal dentro de suas limitações, e cabe a escola buscar junto a sociedade desenvolver uma pedagogia inclusiva, tornando o ambiente escolar apto a receber pessoas com necessidades especiais.

4 A ESCOLA PESQUISADA

Antes dos anos 70, as crianças da comunidade de Carro Atolado, localizada na cidade de Acarape recebiam os primeiros ensinamentos de conteúdos que eram ministrados por professores/as particular que ensinavam em suas próprias casas ou em uma residência de algum amigo.

Alguns anos depois os/as alunos/as maiores se deslocavam para a comunidade mais próxima, por nome de Canta Galo, que também só oferecia até o 3º ano do ensino fundamental I. No início do ano de 1986, a professora Terezinha de Albuquerque Andrade (mais conhecida como Tetê) presenciando as dificuldades das crianças, solicitou ao prefeito Ernane de Almeida Jacó, uma escola para o Carro Atolado. O mesmo se prontificou a atender a comunidade, mas que só teria sua construção iniciadas na estação seca. De modo que para iniciar o ano letivo a Sra. Terezinha, solicitou ao Sr. Antônio Gonçalves que era um empresário muito respeitado na comunidade, um alpendre de sua propriedade para que as crianças iniciassem suas aulas, e foi assim começou o ano letivo. Tendo como docente a professora Maria Valdenice Ferreira Bezerra que muito se dedicou pela aprendizagem das crianças.

Após o início das aulas no ano de 1986, a Sra. Terezinha e a professora Valdenice Ferreira receberam a notícia de que a família do Sr. José Ari de Carvalho, se prontificou em ceder o terreno para a prefeitura começar a obra de construção da escola. Foi então feito um contrato com uma construtora, e o vereador José Oliveira Jacó, fez acompanhamento da obra. De modo que em agosto do mesmo ano foi construída uma sala de aula, uma cantina, banheiros e um alpendre.

Em 1987, a escola foi inaugurada e recebeu o nome de Unidade Florêncio do Rêgo Neto, em homenagem ao pai do doador do terreno, o nome foi aprovado por unanimidade pela

Câmara Municipal de Redenção, em 15 de agosto de 1986. Sendo essa a data magna para a história da Sócio Educacional do bairro de Carro Atolado.

Até 1990 essa escola funcionava apenas com o ensino infantil e alfabetização, percebeu-se então a necessidade de mais salas de aula, com muita urgência a ampliação foi solicitada por todos, e a diretora da mesma, cobrou dos/as vereadores/as para que estes/as se empenhassem para que fosse construída uma escola maior, com mais salas de aulas. Na época a solução mais precisa seria a compra de um terreno com uma casa de vários cômodos para que fossem transformados em salas de aula.

E assim foi feito, a nova escola recebeu o nome de Antônio Correia de Castro, e no início de 1991 a comunidade foi contemplada com quatro salas de aula, uma cantina, dois banheiros e um alpendre amplo. A escola funcionava os dois turnos, manhã e tarde, atendendo da educação infantil até o 4º ano.

Hoje a Escola Antônio Correia de Castro, em Carro Atolado, conta em sua estrutura física com (7) sete salas de aula, banheiros, cantina, depósito para a merenda escolar, área de serviço, depósito para material de almoxarifado, diretoria e secretaria, uma sala para os/as professores, biblioteca, sala para o Programa Mais Educação¹, uma sala do Atendimento Educacional Especializado e um pátio amplo. Sendo mantida pela Secretaria Municipal de Educação (SME) pertencente ao Poder Público Municipal de Acarape.

Em 2020 contava com 18 professores/as, todos/as graduados/as ou em processo formativo em nível superior. Docentes que recebem formações continuada pela SME, mensalmente. Atualmente conta com um total de 13 funcionários/as, entre auxiliares e vigias. Funciona nos três turnos e atende cerca de 332 alunos/as, de ambos os sexos, e oferece da educação infantil ao ensino fundamental II. A escola segue as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996, Parâmetros Curriculares Nacionais e orientações da Secretaria Municipal de Educação.

Imagem 1 – Fachada da Escola Antônio Correia de Castro, em Carro Atolado, Acarape - Ceará.

¹ O Programa Mais Educação constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo sete horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Fonte: portal.mec.gov.br



Figura 1 - Escola Antônio Correia de Castro, em Carro Atolado, Acarape - Ceará. (Arquivo Pessoal)

5 CONHECENDO A ATUAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A DO AEE NA ESCOLA

A escola como lugar de formação precisa repensar a função do/a pedagogo/a em seu espaço, o que se percebe é que são atribuídas a esse/a profissional diversas funções, esquecendo que eles/as são responsáveis por mediar o processo de ensino-aprendizagem dos/as alunos/as. O papel do/a pedagogo/a é, apresentar novos conhecimentos a seus discentes, possibilitando a eles/as o acesso à cultura. O/A pedagogo/a, mas não somente esse/a deve trabalhar a questão da superação do preconceito em relação às diferenças existentes no espaço escolar e fora dele, só assim conseguirá formar cidadãos mais justos e saudáveis.

É necessário mostrar que deve prevalecer a valorização do ser humano, sua identidade e suas necessidades, mostrando que somos diferentes e que são as diferenças que nos tornam únicos e especiais, que acima de tudo o respeito precisa ser mantido, pois todos/as temos direito a conviver em sociedade. O papel do/a pedagogo/a na escola é criar elos de interação entre os membros da escola, alunos/as e funcionários/as. Sobre a atuação do/a Pedagogo/a, Libâneo (2004) vai nos dizer:

Ao meu ver, a Pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. O pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. (LIBÂNEO, 2004, p. 29).

É necessário se pensar na interação social dos sujeitos, levando em conta as diferenças de cada um, por essa razão, percebe-se a importância da atuação papel do/a pedagogo/a na vida

das crianças que estão em formação, pois ao ser ensinado sobre o respeito às diferenças essas crianças irão viver isso fora da escola, e podem ensinar a muitas pessoas o que é ser diferente, e que o respeito deve sempre prevalecer.

O desafio das escolas atualmente é aprender a lidar com as especificidades educacionais dos seus/as alunos/as, pois tudo inicia daí, por conseguinte é importante que haja interação entre os/as alunos/as e funcionários/as. Dessa forma, as crianças com necessidades educativas especiais não devem ser separadas das demais, pelo contrário, devem compartilhar dos momentos na escola, assim as crianças poderão se ajudar de acordo com suas limitações. Dessa forma, é importante que o/a professor/a evidencie que as limitações não tornam ninguém incapaz e que todos/as podem se ajudar facilitando um convívio melhor entre si, onde não haverá excluídos.

É preciso entender que a criança especial precisa de um espaço onde perceba a inclusão, pois ela já é olhada de forma diferenciada por muitas pessoas na rua e muitas vezes até mesmo em casa. Portanto, a escola precisa proporcionar um espaço diferente, precisa viver a inclusão e não só pregá-la. É isso que faz a diferença, viver o que se ensina, proporcionar uma vivência que para as crianças se tornará comum, assim agirão lá fora dos muros da escola de acordo com o que se vive e se pratica do lado de dentro.

Para os pais, de início já é muito difícil deixar os/as filhos/as aos cuidados da escola quando ainda não conhecem o trabalho dos/as profissionais da mesma. Podemos então, imaginar como se torna ainda mais difícil deixar um/a filho/a com necessidades especiais na escola, seja elas físicas ou mentais. Nesses casos, as crianças são ainda mais dependentes dos pais, assim, no momento da “separação”, quando têm que deixá-los/as aos cuidados da escola se torna algo doloroso.

Isso não significa que sejam pessoas desconfiadas de tudo, pelo contrário, isso se chama cuidado. No momento em que se recebe a notícia que serão pais de uma criança com necessidades especiais, é um choque, depois vem o sentimento de medo, de não saber lidar com os cuidados dessa nova vida, durante a convivência o desejo de proteção só cresce e o medo da separação também. Sobre essa questão, Pessotti (1984) indaga:

[...] o deficiente tem, que ser mantido e cuidado. A rejeição se transforma na ambiguidade, proteção, segregação ou, em nível teológico, no dilema caridade castigo. A solução do dilema é curiosa: para uma parte do clero, vale dizer, da organização sociocultural, atenuasse o “castigo” transformando em confinamento, isto é, segregação (com desconforto, algemas e promiscuidade), de modo tal que segregar é exercer a caridade, pois o asilo garante um teto e alimentação. Mas, enquanto o teto protege o cristão, as paredes escondem e isolam o incômodo ou inútil. Para outra parte

sociocultural medieval cristã, o castigo é caridade, pois é meio de salvar a alma do cristão das garras do demônio e livrar a sociedade das condutas indecorosas ou antissociais do deficiente. (PESSOTTI, 1984, p. 7).

O que é pregado muitas vezes na sociedade é que a pessoa com deficiência deve viver isolada, pregam o isolamento por verem esse ser como frágil que não consegue viver em sociedade. Outros falam que as crianças nascem com deficiência por conta dos erros dos pais os quais são castigados por Deus através dos/as filhos/as. Isso tudo acarreta em preconceito, uma vez que o fato do indivíduo ter uma limitação não está impossibilitado de viver em sociedade.

Atualmente os pais estão buscando mais espaço para seus/suas filhos/as com deficiência, isso porque com o passar do tempo uma nova política tem sido pregada, as conversas sobre igualdade e inclusão têm chegado a muitos ambientes. Nesse sentido, é de suma importância que a escola enquanto formadora convide os pais e a sociedade para estar presente no cotidiano escolar das crianças. Isso porque a educação numa perspectiva inclusiva não deve ser trabalhada apenas com professores/as e alunos/as, mas com toda a comunidade. O que resta saber é se a escola está preparada para tratar esse assunto, se o/a pedagogo/a que está atuando na sala do AEE tem uma formação adequada.

De modo que para responder ao objetivo geral de nossa pesquisa, que é identificar como se dá a atuação do/a Pedagogo/a junto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma escola de Acarape (CE), me inseri junto à escola Antônio Correia de Castro.

De imediato fui recebida com muito carinho pela professora, fomos para a sala do AEE, conversamos um pouco enquanto as crianças chegavam e ela me mostrou alguns materiais que usa para trabalhar com as crianças que possuem necessidades educativas especiais. Dentre esses materiais pude constatar a presença de muitos jogos confeccionados com materiais recicláveis, que segundo a docente, parte desses foram confeccionados por ela, mas também tinha ajuda de um amigo para essa produção.

A professora Sara Costa, falou que uma vez por mês participa de formação continuada junto com outras docentes que também atuam junto ao AEE de outras escolas do município de Acarape. Importante ressaltar que todas as professoras da sala do AEE das escolas de Acarape são pedagogas e estão cursando ou já concluíram uma pós-graduação lato sensu em Educação Especial, assim informou a professora Sara Costa.

Observando as crianças participarem das atividades com a professora Sara Costa, percebi como eles/as estão ligados a ela, perguntavam sempre se estavam indo bem, se ela

estava gostando do desempenho deles, e o cuidado dela com as crianças em geral era notável, daí importante pensar que

[...] As experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como cria condições para questionar essa prática e disponibilizam recursos para modifica-la, com a introdução de uma proposta curricular inovadora e a formação continuada voltada para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões. (ORSOLON, 2007, p. 22).

O/a pedagogo/a precisa estar atento às necessidades da escola e as especificidades de cada aluno/a para que assim possa buscar formas de exercer seu trabalho da melhor maneira possível, ficando satisfeito consigo e satisfazendo as necessidades das crianças, realizando com sucesso o que lhe foi delegado.

Trabalhar na sala do AEE é um desafio para o/a pedagogo/a, são crianças com necessidades especiais que muitas vezes o pedagogo não conhece, é então necessário que o mesmo busque conhecer cada caso e procurar saber como trabalhar com crianças que portam essas deficiências. O primeiro grande desafio é conquistar as crianças, depois o desafio é conseguir fazer a criança se aceitar e se amar como ela é, mostrando que suas necessidades não o tornam incapaz de viver em sociedade e de realizar suas próprias atividades, é quando irão trabalhar a questão da identidade e do preconceito, nessa questão, o papel do pedagogo é oferecer condições concretas para que a deficiência seja significada através de experiências onde a criança possa construir sua identidade de forma que se sinta inclusa e valorizada nos momentos de interação com demais pessoas. A criança com deficiência física ou mental precisa sentir-se valorizada para se desenvolver, ela precisa estar incluída na comunidade em geral, confinar uma criança por sua deficiência é o mesmo que estar lhe tomando o direito de viver e de sonhar. Dessa forma,

Para “representar” o lado subjuntivo da questão, podemos lembrar a importância de socialização de medos e angústias, de problematização conjunta de mitos e tabus, de criação coletiva de formas de enfrentamento de resistência de cada um dos agentes envolvidos em processos de inclusão. (AMARAL, 2002, p. 246).

Mediar o acesso entre a pessoa deficiente e a comunidade é conduzir de forma correta o processo de ensino aprendizagem. Mobilizando assim, a comunidade escolar e não escolar para o enfrentamento da inclusão e da quebra de preconceitos. Quebrar tabus, desmitificar

mitos, é abrir espaço para o processo de inclusão, é dar a oportunidade do/a deficiente como ser humano que é construir e ser protagonista da sua própria história.

Logo a seguir será apresentado os dados da pesquisa.

6 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Essa interpretação dos dados teve como objetivo contribuir com as discussões em torno da atuação do/a pedagogo/a na sala do AEE, dessa forma optamos pela entrevista semiestruturada, pois a mesma proporciona maior abrangência e flexibilidade no assunto pesquisado, sendo possível haver uma conversação entre entrevistado/a e o/a entrevistador/a. Logo abaixo exponho as perguntas direcionadas a docente, suas respostas e análises. Na Escola Antônio Correia de Castro há vinte e seis crianças, todas elas do Fundamental I, com laudo médico. Os laudos são de Imperatividade, Autismo, Dislexia e Síndrome de Dow, sendo assim 16 crianças Imperativas, 5 crianças Autistas, 3 com Dislexia e Imperatividade e 2 com Síndrome de Dow. Essas crianças são acompanhadas de pedagogo, psicóloga e nutricionista.

PERGUNTA 1- Qual sua formação profissional e há quanto tempo você está afrente da sala do AEE?

A entrevistada é formada em Pedagogia e tem pós-graduação em Educação Especial. A mesma relatou a paixão que tem por essa área, falou que busca sempre atualizar seus conhecimentos acerca do seu trabalho enquanto professora do AEE. Também procura sempre fazer cursos que envolvam essa área buscando novas formas de melhorar e diversificar suas metodologias para trabalhar com essas crianças.

A professora Sara Costa relatou que a paixão por Educação Especial e Inclusiva surgiu há sete anos, quando segundo ela, foi presenteada por Deus com uma filha com Síndrome de Down², de modo que a entrevistada revelou:

Vendo o preconceito sofrido por minha filha, meu coração se sensibilizou e foi quando percebi que tinha que procurar uma forma de ajudar minha filha e inclui-la na sociedade. Resolvi pesquisar e encontrei um curso de pós graduação em Educação Especial, me escrevi e fiz o curso. Hoje vejo como valeu a pena meu esforço, minha filha está na escola e assim como todas as outras crianças especiais está sendo acompanhada no AEE. E, a cada dia que

² Doença genética do cromossomo 21 que causa atrasos de desenvolvimentos intelectuais. Síndrome de Down é um distúrbio genético causado quando uma divisão celular anormal resulta em material genético extra do cromossomo 21.

passa só me apaixono mais e mais por essa área, ver o avanço dessas crianças me deixa muito realizada e feliz. (Professora Sara Costa, entrevistada).

A criança portadora de alguma necessidade especial precisa ser incluída na sociedade e a escola é um ambiente bastante propício para isso, todos/as devem ser incentivados/as a acolher e respeitar essas crianças. O preconceito existe por falta de conhecimento, e não é excluindo esses indivíduos que os farão ficar ilesas ao preconceito, pelo contrário, é incluindo e trabalhando o preconceito que o mesmo pode ser vencido.

PERGUNTA 2- *Você acha que a deficiência, seja ela física ou mental, atrapalha a vida da criança em sociedade?*

Para a entrevistada, a criança especial deve ser acolhida pela sociedade da mesma forma que todas as outras, a sociedade ou a comunidade onde a criança está inserida devem ter ações de solidariedade, aceitação, incentivo, tolerância e cooperação, mostrando assim para esses indivíduos que, os problemas ou necessidades físicas e mentais não podem ser uma barreira, que podem ser superadas. De modo que é valorizando essas crianças que a sociedade pode ver mudanças positivas para todos. Sobre essa temática Szymanski (2010) diz o seguinte:

A família, nesta perspectiva, é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel transmissor – os pais – e desenvolvidas junto aos que são receptores – os filhos. (SZYMANSKI 2010, p. 20).

A criança portadora de alguma necessidade especial não deixa de ser um membro da sociedade, ela tem seu valor. Dizer “*Todos somos diferentes*” é fácil, mas a dificuldade está em se respeitar essas diferenças, e é aí que está o grande desafio, aprender a respeitar, a cooperar e a incluir. A família e a escola precisam estar em parceria para que isso possa se concretizar e a criança possa ser realmente incluída.

PERGUNTA 3- *Como você acha que os pais devem agir quanto ao preconceito sofrido por seus filhos por conta de uma necessidade especial (deficiência)?*

Sabe-se que todo pai e mãe têm um lado protetor bastante aguçado, isso é fato. Para os pais já é bastante difícil desde o momento do diagnóstico, pois há um misto de emoções muito grande, uma dessas emoções é a do medo. O medo de não saber cuidar, de não saber lidar

com as necessidades do seu filho, e o medo de vê-lo sofrer com o preconceito. Diante dessa questão a professora Sara Costa disse:

Como passei por essa experiência e passo até hoje, posso afirmar que é muito complicado para nós pais, lidar com momentos onde nossos filhos sofrem preconceito. No momento que os médicos me disseram que minha filha era um bebê especial senti como se o mundo tivesse desabado, meu maior medo era ver minha filha crescer no meio de uma sociedade preconceituosa, pois saberia que ela iria sofrer. Houve vários episódios principalmente na escola bem no início onde ela era sempre excluída das outras crianças e isso me deixava muito triste. Sei como é difícil para os pais, de início gera revolta mesmo mas, devem agir com calma e cautela, buscar conversar com a gestão da escola e acompanhá-lo tanto na escola como em todos os outros lugares, não excluí-lo nunca. (Professora Sara Costa, entrevistada).

É difícil segurar a emoção quando se vê o sofrimento de um/a filho/a, mas através de situações assim, os pais devem mostrar que seus/as filhos/as têm direitos assim como todo e qualquer indivíduo de uma comunidade, para tanto, mostrar que o respeito deve prevalecer.

PERGUNTA 4- Percebe-se que atualmente o preconceito é um assunto tratado nas mídias e em vários outros ambientes. Você acredita que isso ajuda a romper com o preconceito?

Segundo a entrevistada, muitas vezes a mídia acaba atrapalhando no combate ao preconceito. A mesma acha que é apresentada a ideia de que “- Todos somos iguais!”, o que não é verdade, pois todos somos diferentes, isso é fato, o que deve ser colocado é que são essas diferenças que tornam cada indivíduo especial.

Para a professora Sara Costa, a mídia assim como até muitos/as professores/as erram quando falam da deficiência utilizando o termo especial, sendo dito que:

Especiais todos nós somos, essas crianças têm uma deficiência que algumas vezes são físicas e outras vezes mentais, mas são deficiências. Eu acredito que a mídia ajuda sim no combate ao preconceito quando fala sobre inclusão, mas como falei, algumas coisas são distorcidas e acabam não ajudando em nada. Quando a mídia trata sobre a questão do preconceito e da inclusão está abrindo espaço para que a escola e a família possam entrar e trabalhar isso a fundo. Porém, acredito que hoje, a maioria dos professores ainda não estão preparados para trabalhar essa questão, falta conhecer verdadeiramente esse assunto, e acredito que a mídia apesar de ter suas falhas ajuda nesse combate e nessa luta pela inclusão, só falta alinharem um pouco mais as coisas e terem mais cuidado nos exemplos que utilizam. (Professora Sara Costa, entrevistada).

Avalio que a mídia deve ser usada como uma ferramenta positiva para se trabalhar o preconceito e a inclusão. Os pais, assim como a escola precisam fazer isso, buscar ter a mídia como uma aliada, até porque família e escola precisam ser parceiras para obter sucesso nessa luta e as mídias são uma realidade presente na vida de quase todas as pessoas, e isso ajuda a levar informação sobre o processo de educação inclusiva escolar.

É relevante que essa questão esteja chegando a milhares de pessoas através da mídia e isso pode ser usado pelos educadores e pela família como uma ferramenta positiva para trabalhar a inclusão.

PERGUNTA 5- O AEE é um projeto que ainda não existe em todas as escolas. Como você acha que esse projeto ajuda na socialização e aprendizagem de crianças deficientes?

A professora Sara Costa acredita que o Atendimento Educacional Especializado ajuda a desenvolver melhor a aprendizagem das crianças deficientes, segundo a mesma, dá suporte ao/a professor/a titular da turma, pois ajudá-lo/a a conhecer as necessidades dos indivíduos e a vencê-las. Assim, contribui para avançar na aprendizagem e na convivência com os colegas e toda a escola. De modo que a entrevistada se manifestou explicando que:

- Como pedagoga á frente da sala do AEE nesta escola recebi o desafio de procurar da melhor maneira possível trabalhar junto com as professoras titulares das turmas a inclusão. As crianças são retiradas da sala de aula por volta mais ou menos de meia hora para um atendimento especial onde procuro através de atividades lúdicas trabalhar suas dificuldades, depois, elas voltam novamente para sala. Atualmente nossos alunos não portam nenhuma deficiência física, todas elas são mentais, como déficit de atenção, imperatividade, dislexia, entre outras. Procuro sempre estudar sobre cada especificidade para que assim consiga chegar da maneira correta em cada criança. Para mim, o AEE é muito enriquecedor pois além de ajudar no melhor desenvolvimento das crianças e na inclusão das mesmas, também ajuda aos outros professores a compreender a importância do aprofundamento nessa questão. É um trabalho de formiguinhas, onde para se obter bons resultados toda a escola juntamente com a família devem participar. (Professora Sara Costa, entrevistada).

Quanto mais cedo a criança com deficiência for levada para a escola, mais rápido e melhor será o desenvolvimento da mesma. Percebe-se que atualmente algumas questões não estão claras para muitos profissionais da área da educação, como por exemplo; sabe-se que Educação Especial e Educação Inclusiva caminham juntas com o intuito de inserir pessoas com necessidades especiais educativas na rede regular de ensino, porém o que muitos não entendem é que a Educação Especial se refere a uma modalidade de ensino e a Educação Inclusiva, a um

atendimento especializado ofertado a pessoas com necessidades especiais que estejam inseridas na escola. Assim, é necessário que os/as professores/as estejam capacitados/as para exercer essa função para que assim possa atender as diferentes necessidades de cada educando/a.

O Atendimento Educacional Especializado é algo novo que está em desenvolvimento, porém muito importante, pois ajuda na inclusão de alunos com deficiências, o que proporciona ganhos a todos, ou seja, a família, a sociedade, a escola e principalmente aos/as alunos/as, que têm a oportunidade e são estimulados a conviverem e respeitarem a diversidade.

PERGUNTA 6- Ao longo do tempo que você está à frente deste projeto, o que você aprendeu? O que torna o trabalho com essas crianças satisfatório?

A professora Sara Costa afirma que ao longo desses anos tem aprendido bastante. A implantação da sala do AEE na escola trouxe para ela uma grande oportunidade de buscar novos conhecimentos e aprender coisas que nunca imaginou que aprenderia. Segundo a mesma, esses conhecimentos que por um lado ela própria buscou através de estudos e por outros as próprias crianças lhe proporcionaram, só a enriqueceram enquanto profissional e enquanto ser humano, de modo que

O ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos `convivam` de tal maneira com os saberes que eles vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras. (FREIRE, 2005, p. 58).

A criança precisa saber que sua deficiência não o/a torna incapaz, mais do que isso a criança com necessidades especiais precisa estar ciente de que ser diferente não é algo ruim, isso porque terá oportunidade de entender que somos diferentes, cada indivíduo tem seus traços, seus gostos, suas peculiaridades, ninguém é igual a ninguém. Assim, é necessário que se pense no objetivo da educação inclusiva como valorização da diversidade. Sobre essa questão Prieto (2006) vem nos dizer o seguinte:

[...] pelo apreço à diversidade como condição a ser valorizada, pois é benéfica à escolarização de todas as pessoas, pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela proposição de outras práticas pedagógicas, o que exige ruptura com o instituído na sociedade e, conseqüentemente, nos sistemas de ensino. (PRIETO, 2006, p. 40).

Assim, professora Sara Costa acredita que, o que torna seu trabalho satisfatório é, acompanhar o desenvolvimento dessas crianças e vê-las inclusas em sala de aula junto com as outras. A mesma contou o seguinte fato:

-Um dos alunos atendidos por mim, que já fazia o quinto ano... ele era autista em um alto grau. No início quando comecei a trabalhar com ele foi um pouco difícil, pois ele era bem calado e não gostava de participar. Um dia a professora dele me falou que ele gostava muito de música e de dançar, então resolvi começar a trabalhar com ele usando essas coisas, ele passou a participar nos meus atendimentos e cada dia se envolvia mais com os colegas da sala, no último semestre do ano letivo era um sufoco tirá-lo de sala para os atendimentos, pois falava que gostava de ficar com os colegas e o mais lindo de se ver foi o despertar dele para a leitura, depois disso queria ler o tempo todo, amava histórias com gravuras. São essas coisas que fazem meu trabalho valer a pena, todo esforço em procurar novos conhecimentos e novas metodologias para trabalhar e incluir essas crianças valem muito a pena quando vemos os resultados, isso me deixa muito realizada e feliz. (Professora Sara Costa, entrevistada).

Assim podemos dizer que o/a pedagogo/a enquanto facilitador da aprendizagem deve buscar renovar-se sempre, todos os dias percebe-se que o mundo está mudando e é preciso que estejam preparados/as para lidarem com diferentes situações. Para os/as pedagogos/as que estão à frente da sala do AEE, essa questão é ainda mais complexa, pois, como já foi citado aqui, o novo assusta. É buscando conhecer as especificidades das crianças atendidas por esses profissionais que seu trabalho terá resultados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O/a pedagogo/a tem como papel mediar a inclusão no espaço escolar. Para isso, é necessário que toda escola e a comunidade seja envolvida. A relação que se estabelece entre professores/as e alunos/as é fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento, a criança com deficiência precisa sentir-se incluída e respeitada para que se possa obter sucesso em seu desenvolvimento e na sua aprendizagem.

Conclui-se assim, que a atuação do/a pedagogo/a no Atendimento Educacional Especializado (AEE) se direciona a mediar a inclusão de crianças especiais junto as outras no ensino regular, assim sendo, é necessário que o/a mesmo tenha uma formação continuada acerca do tema para dessa forma conseguir desenvolver um bom trabalho. Porém, nem todas as secretarias de educação disponibilizam para que essas formações ocorram de forma regular. Sendo também um compromisso do/a próprio pedagogo/a buscar conhecer e estudar sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Para ajudar no bom desempenho da atuação do pedagogo/a junto a AEE, é preciso que toda comunidade escolar, assim como a família estejam envolvidas. Para que assim, o/a pedagogo/a possa traçar estratégias para trazer a família para dentro da escola, assim como toda a comunidade. De modo que possa incluir as crianças em uma prática de educação inclusiva.

Através desse trabalho também é possível reforçar a importância das condições favoráveis e necessárias para a efetivação da educação inclusiva, que requer: adaptação e boa estrutura do espaço físico, materiais para trabalhar com as crianças, formação continuada para os/as professores/as incluindo a educação especial, entre outras ações. Dessa forma, as crianças deficientes poderão desfrutar de um espaço digno voltado ao pleno desenvolvimento e aprendizagem.

Acredito na importância de levar essas questões adiante para poder contribuir de forma positiva no melhor desenvolvimento do trabalho exercido na sala de Atendimento Educacional Especializado. Assim, desejo levar essa pesquisa adiante, buscando novas informações da escola pesquisada assim como das outras escolas pertencentes ao município de Acarape – Ce. Meu intuito é conhecer mais a fundo o trabalho dos profissionais a frente da sala do AEE assim como o próprio projeto, procurando compreender de forma mais clara tudo que envolve esse projeto e as melhorias que o mesmo pode levar a vida de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais.

8 REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A.; **Diferenças, estigma e preconceitos: o desafio da inclusão**. In: Oliveira, M. K. de; Souza, D. TR; Rego, T, C. (Orgs). Psicologia, educação e as temáticas da Vida contemporânea. São Paulo: moderna, 2002.

BRASIL. **Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

_____, **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L1314.htm. Acesso em: 02 jan. 2021

DEMO, P. **Introdução a metodologia da ciência**. 2ªed. São Paulo: Atlas, 1987. FARFUS, D. Organização pedagógica dos espaços educativos.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 15-41.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. 13. Ed. São Paulo: Paz e terra, 2005.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** 7ªed. São Paulo: Cortez, 2004.

MINETTO, M. F. **O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental: da superstição a ciência**. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SECADI. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acesso em 10 mai. 2020.

ORSOLON, L. A. M. O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, L. R. de; PLACCO, V. M. N. S. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. 6ª Ed. São Paulo: Loyola, 2007. P. 17-26.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas de Educação no Brasil**. In: ARANTES, Valéria (Org.). Inclusão Escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

SANTANA, C.. O Pessoal é Político: os sentidos da autorreflexão para os movimentos feministas do Recife. **Colóquio Internacional Paulo Freire**, Brasil. Disponível em: <http://ixcoloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ixcoloquio/rt/captureCite/596/0/AbntCitationPlugin>. Acesso: 01 dez 2019.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família e escola: desafios e perspectivas**. Brasília. Liber, 2010.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação**. 1994.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA APLICADA

- 1- *Qual sua formação profissional e há quanto tempo você está à frente da sala do AEE?*
- 2- *Você acha que a deficiência, seja ela física ou mental, atrapalha a vida da criança em sociedade?*
- 3- *Como você acha que os pais devem agir quanto ao preconceito sofrido por seus filhos por conta de uma necessidade especial (deficiência)?*
- 4- *Percebe-se que atualmente o preconceito é um assunto tratado nas mídias e em vários outros ambientes. Você acredita que isso ajuda a romper com o preconceito?*
- 5- *O AEE é um projeto que ainda não existe em todas as escolas. Como você acha que esse projeto ajuda na socialização e aprendizagem de crianças deficientes?*
- 6- *Ao longo do tempo que você está à frente deste projeto, o que você aprendeu? O que torna o trabalho com essas crianças satisfatório?*

ANEXOS
FOTOS DA ESCOLA ANTÔNIO CORREIA DE CASTRO, ACARAPE (CE)



Figura 1- Sala de Aula da Educação Infantil da Antônio Correia de Castro (Arquivo Pessoal)



Figura 2- Sala de Aula do Ensino Fundamental I e II - Escola Antônio Correia de Castro (Arquivo Pessoal)



Figura 3 – Biblioteca (Arquivo Pessoal)



Figura 4- Sala de Atendimento Especializado (AEE)



Figura 4.1: Sala de Atendimento Especializado (AEE)